# Apenas um rapaz latino-americano | Luiz Marques

31/08

***"Esse é um tempo de homens partidos", e de lives, poderíamos acrescentar aos versos do poeta. Nessa quarta-feira, 01/09/2021, a Democracia Socialista cobre um importante evento de reflexão intitulado Luta Contra o Neoliberalismo na América Latina. Imperdível.***

Se o neoliberalismo propagou o ataque às organizações sindicais dos trabalhadores, o fim de direitos sociais trabalhistas e previdenciários desde os anos 80, enfim, o sofrimento, – com a pandemia do Coronavírus disseminou a morte, naturalizada pela necropolítica do desgoverno Bolsonaro ("*eu não sou coveiro… chega de mimimi… vão chorar até quando?*"). Vale um pequeno comentário, pra não dizer que não falamos em flores.

A pandemia mostrou o enorme poder concentrado nas mãos das Big Pharmas (a indústria farmacêutica) na atualidade, capazes de decidir sobre a vida de parcelas da humanidade ao transformar o ar que respiramos no negócio do século, ao qual tiveram direito os países que puderam pagar as exorbitantes quantias exigidas pelos laboratórios. Outros, como o Haiti, sem recursos para comprar os imunizantes, até agora não viram uma dose sequer de vacina contra a Covid-19. Ao lado, dessa globalização do poder pela economia da Saúde, vimos também crescer a globalização do sentimento de que a condição humana se sobrepõe à divisão de classes na sociedade, através do protocolo defendido pelas autoridades sanitárias: ácool gel, máscaras, isolamento social, restrição às aglomerações. Essa é a dialética (cobiça econômica sobre o monopólio da vida vs. direito à sobrevivência da espécie) na lição deixada pela doença pandêmica na consciência média da cidadania.

Uma oportunidade única para reafirmar o Internacionalismo, no campo democrático-popular, na melhor tradição leninista / trotskista. No continente latino-americano, a reatualização internacionalista se traduz justamente na luta comum contra o neoliberalismo e pela defesa militante dos governos progressistas, com destaque no momento para a Venezuela (sob cerco), o Chile (Constituinte), a Bolívia, a Argentina e o Peru. Tema da mesa amanhã, com os companheiros Dr. Rosinha e Tica Moreno (Brasil), Marcelo Caruso (Colômbia) e Gabriela Rivadeneira (Equador). É mais que hora de reforçar o sentimento latino-americano que deve impulsionar a luta dos povos pela liberdade, para efetivar sua independência frente ao imperialismo estadunidense, que nega a autonomia e o crescimento político cultural e socioeconômico da América de Salvador Allende e Che Guevara.

A latino-americanidade tornou-se um componente da subjetividade dos lutadores sociais nas décadas de 60 e 70, sob o jugo de ditaduras militares, nesse que é o continente histórico das lutas revolucionárias,. O exílio de combatentes de diferentes nacionalidades, diante dos mesmos algozes fascitizantes (fardados ou não) a serviço das classes dominantes, criou entre os perseguidos (sindicalistas, professores, estudantes, membros de organizações de esquerda) um vínculo existencial e teórico de pertencimento a uma idêntica realidade, para além das bandeiras e até de idiomas, convertendo o portunhol numa língua libertária por sobre as cercas. Para confrontar o arbítrio, o autoritarismo, a prática da tortura e a impunidade dos jagunços de plantão – a resistência pariu a identidade cultural e política continental depois cantada por Belchior, no álbum Alucinação, de 1976:

"*Eu sou apenas um rapaz latino-americano*

*Sem dinheiro no banco*

*Sem parentes importantes*

*E vindo do interior…*

*Não me peça que eu lhe faça*

*Uma canção como se deve*

*Correta, branca, suave*

*Muito limpa, muito leve*

*Sons, palavras, são navalhas*

*E eu não posso contar como convém*

*Sem querer ferir ninguém*

*Mas não se preocupe, meu amigo*

*Com os horrores que eu lhe digo*

*Isto é somente uma canção*

*A vida realmente é diferente*

*Quer dizer…*

*A vida é muito pior…*

*Por favor, não saque a arma no saloon*

*Eu sou apenas o cantor…*"

É a situação de latino-americanos, em suma, que nos faz vencer o destino de homens e mulheres partidos e partidas, ontem como hoje. Ser latino-americano significa portar uma tradição revolucionária, no coração na mente e no braço vacinado. Significa ser antineoliberal e antineofascista. Quarta-feira, noite de *live*.


- ***Luiz Marques*** é professor universitário, UFRGS


Compartilhe nas redes: